

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: PROJETO PANTANAL

GIOVANA DE SOUZA SALES

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – UFMS - campus Três Lagoas
(giovana_souza_sales@ufms.br)
Professora Orientadora: Dr^a Silvana Alves da Silva Bispo – UFMS – campus Três Lagoas

RESUMO: Este relato de experiência tem como objetivo apresentar a vivência de seis meses de participação no programa Residência Pedagógica iniciado em dezembro de 2023 e finalizado em maio de 2024, uma iniciativa do Ministério da Educação que busca complementar a formação de futuros professores, proporcionando uma imersão prática em sala de aula. Realizado com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental I, em Três Lagoas-MS. O projeto concentrou-se na prática de alfabetização envolvendo questões ambientais, especificamente sobre o bioma Pantanal. Ao longo do processo, foram implementadas atividades interativas, como a confecção de esculturas em argila, visitas virtuais ao Bioparque do Pantanal e a elaboração de cartazes sobre a preservação ambiental. Este relato de experiência discute as metodologias adotadas, os desafios enfrentados e os impactos na formação docente, evidenciando o valor da prática educativa que coloca o aluno no centro do aprendizado e fomenta um ensino significativo. A fundamentação teórica utilizada foi Freire (1996), Pimenta e Lima (2011), Soares (2003), Vygotsky (1984). Conclui-se que participar deste programa foi uma experiência única, onde aprendi a de fato trabalhar em uma sala de alfabetização e a ser professora.

Palavras-chave: Programa Residência Pedagógica; Práticas de Alfabetização; Bioma Pantanal

ABSTRACT: This experience report aims to present the experience of six months of participation in the Pedagogical Residency program that began in December 2023 and ended in May 2024, an initiative by the Ministry of Education that seeks to complement the training of future teachers, providing a practical study in the classroom. Carried out with a 1st year class of Elementary School I, in Três Lagoas-MS. The project focused on literacy practice involving environmental issues, specifically about the Pantanal biome. Throughout the process, interactive activities were renewed, such as the making of clay sculptures, virtual visits to the Pantanal Biopark and the creation of posters about environmental preservation. This experience report discusses the methodologies imposed, the challenges faced and the impacts on teacher training, highlighting the value of educational practice that places the student at the center of learning and encourages meaningful teaching. The theoretical foundation used was Freire (1996), Pimenta e Lima (2011), Soares (2003), Vygotsky (1984). In conclusion, participating in this program was a unique experience, where I learned how to actually work in a literacy classroom and be a teacher.

Keywords: Pedagogical Residency Program; Literacy Practices; Pantanal Biome.

• INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é relatar a experiência vivida durante o Programa Residência Pedagógica (PRP), realizado ao longo de seis meses, de dezembro de 2023 a maio de 2024.

É importante destacar que o PRP é uma iniciativa do Ministério da Educação, em parceria com instituições de ensino superior, que visa enriquecer a formação dos futuros professores. O programa oferece uma experiência única e significativamente diferente do estágio obrigatório, que, conforme afirmam Pimenta e Lima (2011, p. 19), “é uma atividade curricular obrigatória realizada no decorrer curso de formação de professores”, mas os estudantes não ficam inseridos de fato no papel como regentes e ter a oportunidade de realizar as práticas em sala de aula como um.

O PRP proporcionou uma imersão completa na prática pedagógica, abrangendo todos os aspectos do cotidiano escolar, desde o planejamento até a execução das atividades em sala de aula. Esse programa foi essencial para mim como estudante, permitindo que elaborasse uma rotina de estudos flexível e dinâmica, ajustada conforme as necessidades diárias, e com base em constantes planejamentos e reuniões com a preceptora e orientadora do programa.

Outro aspecto fundamental do PRP foi vivenciar a rotina de uma escola e sua relação com a comunidade escolar, a exemplo das Reuniões de Pais e Mestres. Em relação à dinâmica da sala de alfabetização, destaca-se a importância de participar da aplicação das avaliações do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação CAED.

O projeto foi desenvolvido com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Júlio Fernandes Colino, localizada em Três Lagoas-MS. Considerando que essa turma está em fase de alfabetização, com foco na introdução à leitura e escrita, o projeto buscou apresentar os conhecimentos de forma lúdica e centrada nos alunos, conforme a abordagem de Soares (2003), que defende que a alfabetização deve considerar o desenvolvimento integral da criança, respeitando seu ritmo e suas características individuais.

Durante a vivência em sala de aula, o objetivo central foi preparar as crianças para compreender o mundo escrito, promover a aprendizagem dos conceitos matemáticos iniciais e desenvolver habilidades de socialização, responsabilidade e autonomia. O aluno foi sempre colocado no centro do processo, com ênfase na aprendizagem por meio do brincar.

Seguindo Paulo Freire (1996, p. 25), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção”, durante o desenvolvimento do projeto, foram realizadas atividades práticas sobre a preservação do Pantanal, destacando a importância ambiental e cultural dessa região.

O Programa Residência Pedagógica (PRP)

O Programa Residência Pedagógica (PRP) é um programa implementado pelo Ministério da Educação em parceria com instituições de ensino superior, criado em 30 de janeiro de 2017 através do art. 26 do Decreto nº 8.977, pelo presidente da coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior- CAPES, que tem como objetivos:

Art. 5º São objetivos do Programa de Residência Pedagógica: I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica, conduzindo o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente; II - promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de licenciatura às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC); III - fortalecer e ampliar a relação entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e as escolas públicas de educação básica para a formação inicial de professores da educação básica; e IV - fortalecer o papel das redes de ensino na formação de futuros professores. (Brasil, 2019, p. 2)

Logo, este programa foi criado com a finalidade de promover melhorias na formação inicial de professores. Segundo o Art. 14, o PRP deve conter características diferentes das de um estágio obrigatório, essas características são:

I - estudo do contexto educacional envolvendo ações nos diferentes espaços escolares, como salas de aula, laboratórios, bibliotecas, espaços recreativos e desportivos, ateliers, secretarias; II - desenvolvimento de ações que valorizem o trabalho coletivo, interdisciplinar e com intencionalidade pedagógica clara para o processo de ensino-aprendizagem dos licenciandos; III - planejamento e execução de atividades em níveis crescentes de complexidade em direção à autonomia do licenciando; IV - participação nas atividades de planejamento do projeto pedagógico da escola, bem como em reuniões pedagógicas; V - análise do processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos ligados ao subprojeto e também das diretrizes e currículos educacionais da educação básica; VI - leitura e discussão de referenciais teóricos contemporâneos educacionais para o estudo de casos didático-pedagógicos; VII - estudo e discussão de casos didático-pedagógicos com os demais participantes do projeto; VIII - desenvolvimento, testagem, execução e avaliação de estratégias didático-pedagógicas e instrumentos educacionais, incluindo o uso de tecnologias educacionais e diferentes recursos didáticos; IX - elaboração de ações no espaço escolar a partir do diálogo e da articulação dos participantes dos programas, e destes com a comunidade; X - sistematização e registro das atividades em portfólio ou instrumento equivalente de acompanhamento; XI - desenvolvimento de ações que estimulem a inovação, a ética profissional, a criatividade, a inventividade e a interação dos pares. (Brasil, 2019, p. 5)

Portanto se diferencia por oferecer uma experiência mais prolongada e estruturada em práticas pedagógicas, favorecendo o contato contínuo dos residentes com o ambiente escolar. Definido o que é o PRP, a seguir serão destacadas as funções dos residentes, da preceptora e da orientadora, bem como seus vínculos.

Os residentes são os estudantes dos cursos de licenciatura que participam do PRP, a partir da segunda metade do curso, conforme o art. 24.

Art. 24 São requisitos mínimos para participação como residente: I - estar regularmente matriculado em curso de licenciatura da IES na área do subprojeto; II - ser aprovado em processo seletivo realizado pela IES; III - ter cursado o mínimo de 50% do curso ou estar cursando a partir do 5º período; IV - possuir bom desempenho acadêmico, evidenciado pelo histórico escolar, consoante as normas da IES; V - dedicar-se às atividades do RP, conforme carga horária mensal estabelecida em edital; VI - firmar termo de compromisso por meio de sistema eletrônico próprio da Capes. (Brasil, 2019, p. 8)

Os residentes são responsáveis por vivenciar o cotidiano escolar e aplicar os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos na sua formação inicial. Sob a supervisão da preceptora, os residentes observam, planejam e desenvolvem atividades pedagógicas, refletindo continuamente sobre sua prática.

A preceptora é uma professora da educação básica que atua como supervisora direta dos residentes na escola. Ela orienta, acompanha e avalia as atividades desenvolvidas, compartilhando suas experiências e conhecimento prático do ambiente escolar. Segundo o Art. 43, na cláusula II, são atribuições:

a) participar das atividades do projeto de residência pedagógica; b) auxiliar os docentes orientadores na elaboração do plano de atividades do núcleo de residência pedagógica; c) orientar o residente na elaboração de seus planos de aula e na execução da prática pedagógica, em conjunto com o preceptor; d) acompanhar e orientar as atividades do residente na escola de educação básica, zelando pelo cumprimento do plano de atividade; e) controlar a frequência dos residentes; f) informar ao docente orientador situações que impliquem no cancelamento ou na suspensão da bolsa do residente; g) avaliar periodicamente o residente e emitir relatório de desempenho; h) reunir-se periodicamente com os residentes e outros preceptores, para socializar conhecimentos e experiências; i) articular-se com os gestores e outros professores da escola, para estabelecer uma rede institucional colaborativa de socialização de conhecimentos e experiências; j) participar das atividades de acompanhamento e de avaliação do projeto colaborando com o aperfeiçoamento do programa; k) participar da organização de seminários de formação de professores para a educação básica promovidos pela IES ou pela Capes. (Brasil, 2019, p. 15)

A preceptora exerce assim uma função essencial para a integração entre teoria e prática, contribuindo para o desenvolvimento pedagógico dos licenciandos. Neste caso

tivemos a professora Raquel Fortes do Nascimento Rocha, como preceptora da turma de alfabetização do 1º ano D. Raquel possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2008). Atualmente é professor da Escola Municipal Júlio Fernandes Colino. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação.

A orientadora é uma professora do curso de licenciatura vinculada à instituição de ensino superior (IES) que coordena o núcleo de residentes. Para se tornar orientadora é preciso ter alguns critérios de acordo com o Art. 28.

I - ser aprovado pelo colegiado de curso da área do subprojeto ou órgão equivalente; a) nos subprojetos interdisciplinares, o pró-reitor de graduação selecionará um dos candidatos aprovados pelos colegiados dos cursos que compõem o subprojeto; II - possuir título de mestre; III - ter formação na área do subprojeto, em nível de graduação ou pós-graduação, exceto para os subprojetos nas áreas de Licenciatura Intercultural Indígena e Licenciatura em Educação do Campo; a) nos subprojetos interdisciplinares, o coordenador deverá possuir formação em uma das áreas que compõem o subprojeto; IV - quando se tratar de IES pública, pertencer ao quadro permanente da IES como docente e estar em efetivo exercício, ministrando disciplina em curso de licenciatura na área do subprojeto; V - quando se tratar de IES privada com ou sem fins lucrativos, ser contratado em regime integral ou, se parcial, com carga horária de, no mínimo, 20 (vinte) horas semanais e não ser contratado em regime horista, e estar em efetivo exercício ministrando disciplina em curso de licenciatura; VI - possuir experiência mínima de 3 (três) anos como docente do ensino superior em curso de licenciatura; VII - possuir experiência na formação de professores, comprovada por pelo menos dois dos seguintes critérios: a) docência em disciplina de estágio curricular em curso de licenciatura; b) docência em curso de formação continuada para professores da educação básica; c) coordenação de curso de licenciatura; d) docência ou gestão pedagógica na educação básica; e) produção acadêmica na área de formação de professores da educação básica, considerando a publicação de pelo menos dois produtos, nos últimos cinco anos, na forma de livros, capítulos de livros, com ISBN ou artigos publicados em periódico com Qualis A, B ou C, obtidos na última avaliação. VIII - não ocupar o cargo de reitor, vice-reitor, presidente, vice-presidente, pró-reitor ou cargo equivalente, em IES que se utilize de nomenclatura distinta; IX - firmar termo de compromisso por meio de sistema eletrônico próprio da Capes. (Brasil, 2019, p. 9)

Ela é a responsável por planejar e supervisionar as ações do programa residência pedagógica, assegurando a articulação entre os conteúdos acadêmicos e as experiências práticas na escola. A orientadora também promove reuniões formativas, reflexões coletivas e produção acadêmica dos residentes, garantindo que o programa cumpra com seus objetivos.

O PRP teve 7 anos de existência e findou neste ano de 2024 no mês de abril, durante esse tempo a orientadora que ficou à frente foi a professora Doutora Silvana Alves da Silva Bispo, que possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1992), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2006) e doutorado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2016). Atualmente é professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: prática pedagógica, alfabetização, formação docente, alfabetização, diversidade étnico-racial. Faz parte dos grupos de estudos e pesquisas.

Conhecendo agora sobre o programa residência pedagógica e como ele funciona e os papéis de cada membro, passaremos então a caracterização da escola contemplada para receber esses residentes e a turma a ser trabalhada, ressaltando que o programa auxilia nas fases de alfabetização e letramento em turmas do 1º ano ao 3º ano do ensino fundamental.

Caracterização da escola e da turma

Como nosso processo na residência pedagógica foi o último edital, ficamos apenas seis meses na turma do 1º ano D, uma turma de alfabetização do período vespertino, com 20 alunos em média. Logo no início foi possível notar que existiam muitos alunos copistas, alguns já alfabetizados e outros que nem os próprios nomes sabia escrever.

A etapa do 1º ano é crucial no processo de alfabetização, marcada pela introdução formal da leitura e da escrita. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é nesse momento que as crianças devem desenvolver competências relacionadas à apropriação do sistema de escrita alfabética, ao desenvolvimento da oralidade e ao início da produção textual, sempre de forma significativa e contextualizada. Esses aspectos da BNCC estavam diretamente refletidos nas necessidades observadas na turma, que, como mencionado, apresentou uma diversidade de níveis de alfabetização. Essa turma estuda na Escola Municipal Júlio Fernandes Colino. Tivemos acesso ao seu Projeto Político Pedagógico (PPP) e obtivemos os dados a seguir.

Foi fundada em 1º de abril de 2016, a partir da restauração do prédio que antes abrigava uma escola particular chamada Arco-íris. O nome foi uma homenagem ao senhor Júlio Fernandes Colino, fundador do bairro Colinos, em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. O prédio original foi doado por Júlio Fernandes Colino na década de 1970 para a

construção do antigo Grupo Escolar Colinos. Após 20 anos de funcionamento, a escola foi desativada na primeira metade da década de 1990.

A Escola Municipal Júlio Fernandes Colino, situada na Rua Paranaíba, 1369, no bairro de Colinos em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul foi sob o decreto número 046 em 30 de março de 2016, conforme publicado no Diário Oficial.

A equipe é composta por 24 professores, dos quais 8 são convocados e 16 efetivos. Além disso, conta com um corpo de funcionários que inclui uma secretária efetiva, um auxiliar administrativo efetivo, quatro auxiliares administrativos contratados para limpeza, um auxiliar administrativo de limpeza efetivo e duas merendeiras contratadas.

Na gestão da escola há uma Especialista em Educação Efetiva, Elenir Antonia de Queiroz e a diretora Hellen Rufino Martins egressa do curso de pedagogia no CPTI

O papel dos residentes diante uma sala de alfabetização

Sob orientação de preceptoras experientes, os residentes realizaram projetos colaborativos, atividades lúdicas sempre alicerçadas de corpo teórico da Pedagogia, como Paulo Freire (1996), Vygotsky (1984) e Freinet (1985)

Paulo Freire (1996) entende que a alfabetização é um ato de conscientização, em que para ele ensinar a ler e escrever é uma oportunidade de reflexão crítica sobre o mundo. Ele nos mostra em seu livro “Pedagogia da Autonomia” que ensinar vai além de transferir conhecimentos, pelo contrário, temos que sempre proporcionar que o processo de alfabetização parta das experiências significativas para o aluno.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (Freire, 1996, p. 25)

Como Freire (1985), Vygotsky (1984) também destaca a importância da interação social e do papel do mediador, que no caso são os residentes, defendendo que o aprendizado ocorre por meio da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), referindo ao espaço entre o que as crianças já conseguem fazer sozinha (desenvolvimento real) e o que ela é capaz de realizar com o auxílio de outras pessoas mais experientes, seja um professor, um colega ou um adulto.

Podemos compreender essa ideia de maneira mais clara por meio da explicação de Vygotsky (1984) sobre a formação social do pensamento.

O aprendizado das crianças começa muito antes delas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram alguma experiência com quantidades elas tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração, e determinação de tamanho.[...]Se ingenuamente perguntarmos o que é nível de desenvolvimento real, ou, formulando de forma mais simples, o que revela a solução de problemas pela criança de forma mais independente, a resposta mais comum seria que o nível de desenvolvimento real de uma criança define funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento. Se uma criança pode fazer tal e tal coisa, independentemente, isso significa que as funções para tal e tal coisa já amadureceram nela. O que é, então, definido pela zona de desenvolvimento proximal, determinada através de problemas que a criança não pode resolver independentemente, fazendo-o somente com assistência? A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadureceram, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de "brotos" ou "flores" do desenvolvimento, ao invés de "frutos" do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. (Vygotsky,1984, p.56 e 58).

Melhor dizendo na ZDP o papel do mediador é essencial, pois ele fornece o suporte permitindo às crianças realizarem atividades que ainda estão além de suas capacidades individuais. Esse suporte pode incluir orientações, dicas, modelagem de estratégias ou intervenções diretas, que devem ser retiradas gradualmente à medida que cada criança se torna capaz de realizar a tarefa de forma independente.

Contextualizando essa abordagem é fundamental para os residentes, pois eles terão a oportunidade de atuar como mediadores, utilizando estratégias que visam respeitar o nível de desenvolvimento de cada aluno, permitindo a interação entre nós residentes e as crianças, criando um ambiente colaborativo ocorrendo um aprendizado significativo para todos.

Percurso trilhado

Entre janeiro e maio de 2024, realizamos reuniões semanais na universidade, reunindo todos os residentes, suas preceptoras e nossa orientadora. Nessas ocasiões, discutimos temas como planejamento, currículo e prática pedagógica. Estudamos e

refletimos sobre as obras “Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa” e “Professora Sim, Tia Não”, ambas de Paulo Freire. Essas reflexões, aliadas ao aprendizado teórico e prático do curso de Pedagogia, nos ajudaram a adotar uma postura mais alinhada aos princípios de uma educação progressista.

Durante essas reuniões, meu grupo, formado por Giovana Sales, Juliani Freitas e Muriel Iamaguti, todas residentes da Escola Municipal Julio Fernandes Colinos realizou atividade colaborativa com a preceptora Raquel e a orientadora Silvana, nas quais foi possível identificar as dificuldades de cada aluno da turma e a planejar estratégias para atender às suas necessidades específicas.

Ao observarmos as aulas, notamos um interesse crescente entre os alunos sobre o tema Pantanal. Isso aconteceu enquanto a preceptora Raquel trabalhava o tema “meios de locomoção” no estado e mencionou o Pantanal. Esse comentário gerou perguntas instigantes por parte dos alunos, como: “*O Pantanal é um lugar fora do Brasil?*”, “*Esse lugar tem mar, como a nossa cidade?*”, e “*Por que é tão importante cuidar do Pantanal?*”.

Essas questões revelaram que muitos alunos precisavam conhecer mais acerca da geografia da região. Eles acreditavam que nossa cidade era litorânea, e tinham pouco conhecimento sobre o Pantanal e sua relevância, algo natural devido à pouca idade e vivência das crianças. Diante disso, elaboramos o projeto “O Pantanal”, com o objetivo de aprofundar a temática a respeito do bioma de forma prática e prazerosa, conectando as aulas às experiências prévias dos estudantes sobre o estado e o Pantanal.

A função do educador, segundo Vygotsky, “é mediar a relação do aluno com o objeto de conhecimento, permitindo que ele construa, reconstrua e questione o saber com base em sua própria experiência” (1984, p. 58). Para o autor, a aprendizagem é um processo social e interativo, em que o conhecimento não é transmitido de maneira passiva, mas construído ativamente pelo aluno por meio de interações com o ambiente, colegas e educadores. Essa perspectiva destaca o papel essencial do educador como mediador, responsável por criar condições que estimulem o aluno a explorar, refletir e reelaborar suas compreensões à luz de suas vivências e contextos.

O conceito de mediação envolve mais do que a apresentação de conteúdos; trata-se de organizar situações que promovam o pensamento crítico e a autonomia dos estudantes. Essa abordagem está diretamente relacionada à Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), uma ideia central na teoria vygotskyana. A ZDP refere-se ao intervalo

entre o que o aluno consegue realizar sozinho e o que ele pode alcançar com o auxílio de um mediador, como o professor ou colegas mais experientes.

Com base nesses fundamentos, desenvolvemos um projeto pedagógico focado em atividades práticas e visuais que apresentassem a realidade do Pantanal aos alunos. Utilizamos vídeos, leituras e atividades interativas que colocaram os estudantes como protagonistas do processo de aprendizagem, incentivando-os a investigar, questionar, ler e escrever sobre o tema. Exploramos os impactos das queimadas no bioma, destacando as consequências para a fauna e flora e a extinção de espécies na região.

Além disso, o projeto promoveu a conscientização ambiental, enfatizando a importância de preservar o Pantanal para garantir uma melhor qualidade de vida para todos. Essa abordagem permitiu que os alunos conectassem o conhecimento à sua realidade e percebessem o papel ativo que podem desempenhar na proteção do meio ambiente, consolidando uma aprendizagem significativa e transformadora.

Nosso projeto teve a duração de 15 dias, durante os quais cada integrante do grupo assumiu a responsabilidade por ministrar as aulas em dias específicos, enquanto as demais realizam atividade colaborativa. No meu caso, fiquei responsável pelas aulas de terça-feira e sexta-feira, enquanto Juliani e Muriel se revezaram nos outros dias da semana. Iniciamos cada aula com uma acolhida, utilizando uma leitura deleite de livros relacionados ao Pantanal para despertar o interesse e engajar os alunos. Ao longo do projeto, trabalhamos as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza, História e Geografia.

Os conteúdos foram divididos em semanas. Na primeira, apresentamos a localização do Pantanal, seus biomas explicando sobre a fauna e flora, características e queimadas. Naquela semana, tivemos a oportunidade de apresentar o Pantanal aos alunos, promovendo conversas sobre as queimadas e suas consequências. Durante as atividades, percebemos que muitos alunos ficaram profundamente comovidos com as imagens exibidas, o que despertou neles um interesse genuíno em aprender mais sobre o tema. Alguns, inclusive, relataram que, após as aulas, decidiram conscientizar suas famílias a não colocar fogo em terrenos, destacando a importância de cuidar do meio ambiente.

Na semana seguinte, a ênfase se deu na fauna aquática do Pantanal. Realizamos uma visita virtual ao Bioparque do Pantanal, localizado em Campo Grande, capital do estado. Durante essa experiência, os alunos puderam observar os peixes discutidos em sala de aula, o que trouxe uma dimensão visual e prática ao conteúdo. Além disso,

explicamos as diferenças entre os peixes de água doce, típicos do Pantanal, e os de água salgada, aprofundando o conhecimento dos estudantes de maneira interativa e envolvente.

Na última semana do projeto, exploramos os principais animais do Pantanal, como vivem, o que comem e reforçando a importância desse bioma para o estado e o país. Destacamos que o Pantanal é uma das maiores áreas alagáveis do planeta e possui uma relevância ecológica, econômica e cultural essencial.

Do ponto de vista ecológico, explicamos seu papel crucial na regulação do ciclo hidrológico e no equilíbrio ambiental, funcionando como um grande reservatório de água e regulador climático. Ressaltamos sua rica biodiversidade, que abriga inúmeras espécies — muitas delas ameaçadas de extinção —, o que confere ao Pantanal um valor inestimável para a conservação da fauna e flora brasileira.

Para Mato Grosso do Sul, o Pantanal é ainda mais significativo. Além de ser um elemento central da identidade cultural da região, com as comunidades tradicionais pantaneiras que vivem da agropecuária sustentável e do turismo ecológico, ele é fundamental para a economia do estado. Sua preservação sustenta atividades como o turismo, a pesca, a agricultura e a pecuária. Contudo, enfatizamos também os riscos enfrentados, como as queimadas e a exploração predatória, que ameaçam o equilíbrio ambiental e a sustentabilidade econômica e social da região.

Com essa compreensão, encerramos o projeto com uma atividade prática e criativa. Levamos os alunos ao pátio para esculpir, com argila, os animais do Pantanal que mais os impressionaram durante as aulas. Esse momento foi único e especial, promovendo uma interação significativa entre professores e alunos, além de consolidar os aprendizados de forma lúdica e simbólica. Essa vivência reforçou a conexão dos alunos com o tema e destacou a importância de preservar o Pantanal para as futuras gerações.

Resultados e discussões

A implementação do projeto pedagógico sobre o Pantanal gerou resultados expressivos, tanto no aprendizado dos alunos, quanto no aprimoramento de nossa prática pedagógica. Durante as 15 aulas planejadas, observamos um engajamento crescente por parte dos estudantes, demonstrando a eficácia de uma abordagem centrada neles, que valoriza a participação ativa e a construção conjunta do conhecimento.

O projeto destacou o protagonismo dos alunos em seu processo de aprendizagem, alinhando-se às ideias de Paulo Freire (1996), que defende a educação como um processo dialógico. Nesse modelo, educador e educando compartilham saberes e experiências,

influenciando-se mutuamente em um ambiente de troca e cooperação. Essa prática reforçou a importância de estratégias pedagógicas que promovam a autonomia e a reflexão crítica, contribuindo para uma educação transformadora e significativa.

3.6 – Ensinar exige saber escutar. Recentemente, em conversa com um grupo de amigos e amigas, uma delas, a professora Olga Garcia, me disse que, em sua experiência pedagógica de professora de crianças e de adolescentes mas também de professora de professoras, vinha observando quão importante e necessário é saber escutar. Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a ferir com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. Mesmo que, em certas condições, precise de falar com ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (Freire, 1996, p.58)

A ideia de Paulo Freire nessa citação fala sobre o ato de saber escutar traz uma importante contribuição para a prática pedagógica, pois enfatiza a construção de uma relação dialógica e respeitosa entre educador e educandos. Ao escutar de forma paciente e crítica, o professor abandona uma postura autoritária e passa a compreender os alunos como sujeitos ativos do processo educativo, valorizando suas experiências, perspectivas e necessidades. Essa prática promove um ambiente democrático, solidário e propício ao aprendizado significativo, onde o diálogo se torna a base para a construção conjunta do conhecimento.

O uso de vídeos educativos, leituras como "Alfabeto Ecológico do Pantanal" e discussões coletivas permitiu que os alunos se conectassem de forma mais concreta ao tema, ampliando seu entendimento sobre a fauna e flora do Pantanal e os impactos das queimadas na região. Essa abordagem prática e visual está em consonância com a teoria de Lev Vygotsky (1984), que destaca a mediação como elemento central no processo de aprendizagem.

Segundo Vygotsky (1984), o conhecimento é construído socialmente, por meio da interação com o ambiente e com outras pessoas. Atividades mediadas por recursos concretos e interativos, como as utilizadas no projeto, favorecem a internalização do conhecimento, promovendo um aprendizado significativo e contextualizado.

A escolha de um tema diretamente relacionado ao contexto dos alunos foi um dos fatores determinantes para o sucesso do projeto. Trabalhar com o Pantanal, um tema local e relevante, possibilitou aproximar os conteúdos escolares da realidade vivida pelos estudantes, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

A integração das disciplinas de Ciências, Geografia, Artes e Língua Portuguesa em torno desse tema revelou-se altamente eficaz. Essa abordagem interdisciplinar permitiu uma compreensão mais abrangente do ecossistema pantaneiro, enquanto estimulava o desenvolvimento de diversas habilidades, como leitura, escrita, expressão artística e reflexão crítica. Dessa forma, os alunos puderam conectar diferentes áreas do conhecimento de maneira prática e envolvente, enriquecendo o processo de aprendizagem.

A atividade de confecção dos cartazes e esculturas de argila, por exemplo, não só promoveu o desenvolvimento de habilidades manuais e criativas, mas também favoreceu a reflexão crítica sobre a preservação ambiental. Durante essas atividades, os alunos não apenas aprenderam sobre os animais do Pantanal, mas também discutiram suas responsabilidades na proteção do meio ambiente, o que demonstra a conexão entre o aprendizado acadêmico e o desenvolvimento de uma consciência ambiental. Essa interação, que coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem, é um reflexo dos princípios defendidos por Paulo Freire (1996), para quem a educação deve ser um meio de formação para a cidadania, promovendo a autonomia e o pensamento crítico.

Embora os resultados tenham sido positivos, também enfrentamos desafios, especialmente no que diz respeito às dificuldades de leitura e escrita de alguns alunos. Essa diversidade de habilidades exigiu uma abordagem diferenciada, de modo a atender as necessidades específicas de cada criança. A experiência evidenciou, portanto, a importância de um ensino que seja flexível e capaz de proporcionar diferentes formas de acesso ao conhecimento, respeitando as particularidades de cada aluno, o que está alinhado à teoria de Vygotsky (1984), que preconiza a importância da zona de desenvolvimento proximal — a diferença entre o que o aluno já sabe e o que ele pode aprender com a ajuda de um mediador, como o professor.

Em termos de conscientização ambiental, o projeto foi bem-sucedido em promover a reflexão sobre as questões ecológicas e a importância da preservação do Pantanal. Observamos que os alunos, além de desenvolverem habilidades cognitivas, demonstraram um aumento na sua consciência crítica sobre o meio ambiente. Durante a elaboração dos cartazes, por exemplo, muitas crianças discutiram ideias sobre como

poderiam contribuir para a proteção do Pantanal e dos animais da região, sugerindo atitudes como a preservação das áreas de vegetação nativa e a conscientização sobre o impacto das queimadas.

A experiência pedagógica vivenciada neste projeto destacou a relevância de um ensino fundamentado na participação ativa dos alunos, na mediação contínua do educador e na construção coletiva do conhecimento, conforme as perspectivas de Paulo Freire (1996) e Lev Vygotsky (1983). Essa abordagem não apenas favoreceu o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, mas também os engajou em reflexões profundas sobre temas contemporâneos e essenciais, como a preservação ambiental.

No último dia de regência, antes de realizar a atividade prática no pátio, foi promovida uma discussão sobre os animais estudados no Pantanal, utilizando como recurso a leitura do “Alfabeto Ecológico do Pantanal”. Essa estratégia preparatória ajudou os alunos a relembrem as características dos animais e despertou ainda mais o interesse deles pelo tema.

A atividade prática consistiu na criação de esculturas dos animais do Pantanal, com cada aluno escolhendo o animal que mais lhe interessava. Fiquei positivamente surpreendida com o envolvimento e habilidade de cada aluno na realização da atividade. Durante a criação das esculturas, os alunos não apenas demonstraram suas habilidades manuais, mas também compartilharam suas percepções sobre os animais, incluindo seus habitats e importância para o ecossistema. Essa interação possibilitou uma verdadeira conexão entre os alunos e os conteúdos abordados, evidenciando o sucesso da atividade em transmitir a mensagem desejada.

Nesse contexto, a educação revelou-se um poderoso instrumento de transformação, promovendo tanto o aprendizado acadêmico quanto a formação cidadã. O projeto contribuiu significativamente para o desenvolvimento das competências escolares dos alunos e os incentivou a assumir o papel de agentes de mudança, conscientes das questões ambientais e de suas responsabilidades como cidadãos comprometidos com o futuro sustentável.

A vivência ao longo desses seis meses no programa Residência Pedagógica proporcionou aprendizados essenciais para a prática educativa de alfabetização, especialmente no contexto de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I. Essa jornada destacou a importância de estratégias pedagógicas que atendem às necessidades dessa fase de desenvolvimento, favorecendo a aprendizagem de forma lúdica e significativa.

Durante as observações, o episódio que mais se destacou foi a “confusão” geográfica que os alunos frequentemente faziam, interpretando nossa cidade, Três Lagoas-MS, como uma cidade litorânea. Isso se deve à grande presença de corpos hídricos na região e ao fato de estarmos próximos à divisa com São Paulo, um estado conhecido por suas praias. Alguns alunos chegaram a fazer perguntas sobre o "mar" na cidade, evidenciando essa percepção equivocada.

Três Lagoas possui uma configuração geográfica e cultural única, situada na fronteira com São Paulo é marcada pela abundância de rios e lagos. Esses elementos contribuem para que as crianças confundam a cidade com uma localidade litorânea, referindo-se aos rios como "mares". Esse equívoco foi problematizado de maneira prática e divertida. Por meio de um passeio virtual pelo Bioparque do Pantanal, ampliamos o conhecimento dos alunos sobre o bioma da região e a diversidade de peixes encontrados nos rios do nosso estado.

O envolvimento ativo em atividades práticas foi essencial para esclarecer conceitos errôneos, pois as crianças se conectam de forma mais efetiva com os conteúdos quando têm experiências diretas e concretas. Essa abordagem mostrou-se eficaz, pois, ao final do período de ensino, ficou claro que as crianças apresentaram uma compreensão mais precisa sobre o ambiente aquático ao seu redor.

Durante o período de regência, percebi uma empolgação notável por parte das crianças em relação ao tema abordado. Elas expressaram interesse em conhecer o Pantanal e discutiram formas de evitar as queimadas na região. Em resposta a essa motivação, decidimos realizar a confecção de cartazes sobre a preservação do Pantanal, com a participação ativa de todos os alunos em cada etapa do processo. Esta abordagem prática e participativa proporcionou uma experiência muito gratificante para mim como educadora, superando quaisquer receios iniciais que eu pudesse ter em relação ao engajamento dos alunos.

Os resultados foram evidentes na forma como os alunos interagiram com o conteúdo. Uma das cenas que mais me tocou quando trabalhamos os animais foi ver alguns alunos chorando quando mostramos um jacaré e outros animais mortos por conta das queimadas, a partir deste momento despertaram o senso de cuidado com os animais aos seus redores.

Considerações finais

A vivência no Programa de Residência Pedagógica foi enriquecedora para minha formação. Diferente dos estágios realizados durante o curso, a participação ativa na Residência, durante seis meses, me proporcionou uma experiência mais profunda. Estive envolvida no planejamento e execução de atividades, o que me permitiu perceber a importância de adaptar as práticas pedagógicas às necessidades e compreensões dos alunos. Enfrentei desafios, como a diversidade nos níveis de escrita, mas também aprendi a valorizar e a trabalhar com a alfabetização, um campo que antes me parecia intransponível, especialmente por ter vivenciado um modelo de alfabetização bastante rígido.

Em uma das leituras que a professora Doutora Silvana nos passou, o livro “ Professora Sim, Tia Não” consegui de fato mudar meu olhar para a pedagogia e enxergar que professora eu queria me tornar e principalmente como eu deveria agir com meus alunos, visando sempre colocá-los no centro de tudo, ao me deparar com essa leitura há um trecho me chamou muito a atenção, pois em um dos momentos com os alunos, no último dia, a maioria se sentiu amada e nos elogiaram por estarmos sentadas com eles e participando da brincadeira e o melhor dando atenção, o trecho fala o seguinte:

É preciso não ter medo do carinho, não fechar-se à carência afetiva dos seres interditados de estar sendo. Só os mal-amados e as mal-amadas entendem a atividade docente como um que-fazer de insensíveis, de tal maneira cheios de racionalismo que se esvaziam de vida e de sentimentos. (Freire,1997, p.47)

A aplicação prática do conhecimento, aliada à flexibilidade para ajustar as abordagens pedagógicas, permitiu um aprendizado profundo, tanto para os alunos quanto para mim como professora. Superando o desafio de ensinar sobre a importância da preservação ambiental de maneira que fosse significativa e memorável para as crianças, confirmando que o uso de recursos didáticos variados, como materiais visuais e atividades manuais, pode ser determinante para o sucesso do processo educativo de alfabetização.

Dessa maneira, a experiência vivida no Programa Residência Pedagógica foi transformadora, reforçando a importância de uma formação prática prolongada para a docência. Durante os seis meses, pude aplicar metodologias lúdicas e ativas, como a confecção de esculturas e visitas virtuais, que engajaram os alunos e promoveram uma conexão emocional com o tema da preservação ambiental e o Pantanal. Essa abordagem não só estimulou o aprendizado, mas também o desenvolvimento de valores e

responsabilidade cidadã, como evidenciado pela reação das crianças ao assistir a vídeos sobre o impacto das queimadas.

A vivência na sala de aula, com a participação ativa dos alunos, me proporcionou valiosas lições sobre a importância da flexibilidade e criatividade na prática pedagógica, além de reforçar o papel do educador como mediador do conhecimento. O Programa Residência Pedagógica confirmou minha convicção de que a educação pode ser uma ferramenta poderosa de transformação social.

Participar desse último edital do PRP e poder ter tido a honra de apresentar esse trabalho na maior feira científica do estado de Mato Grosso do Sul (INTEGRA 2024), melhor explicando o Integra é um evento acadêmico promovido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que busca integrar diferentes áreas do conhecimento e promover a troca de experiências entre a comunidade acadêmica e a sociedade. Ele reúne atividades como apresentações de trabalhos científicos, oficinas, minicursos, palestras, rodas de conversa e exposições culturais e artísticas. O evento tem como objetivo destacar a produção científica, tecnológica, cultural e de extensão da UFMS, incentivando a interação entre estudantes, professores, pesquisadores e a comunidade externa. Geralmente, as inscrições são abertas para participantes e expositores, e os trabalhos apresentados podem abranger diversas áreas, desde projetos de pesquisa até práticas extensionistas. Esse evento é um espaço rico para aprendizado e disseminação do conhecimento produzido na universidade.

Estar presente nesse local sem dúvidas significou muito para mim e para minha formação, pois entrei na faculdade com um medo enorme de falar em público e ter tido a honra de encerrar nesse evento, foi gracioso, pois muitos avaliadores elogiaram nosso trabalho e recebi até proposta de publicar o mesmo e até ir para fora aprimorar mais os conhecimentos.

Finalizo com uma reflexão de Paulo Freire, que ressoa profundamente em mim: antes de ser educadora, sou Giovana, uma menina que sonhou com a docência, mas que por insegurança adiou esse sonho, porém Deus já tinha preparado e sonhado com isso e hoje, ao sair desta experiência, sinto-me mais preparada e motivada, com uma visão mais clara sobre o papel do educador e a importância de uma formação contínua e reflexiva. Minha gratidão a esses quatro anos de aprendizado e redescoberta.

“Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.” (Freire, 1996)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

BRASIL, Ministério da Educação. **Residência pedagógica**, Portaria nº 259, de 17 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-deconteudo/19122019-p>.